



A reinvenção das festas juninas na Bolívia. As “fogatas” e o meio ambiente nos jornais El Diario e El Deber¹

Anaelson Leandro de SOUSA²
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

RESUMO

Os festejos juninos na América Latina foram influenciados diretamente pelos colonizadores espanhóis e portugueses que introduziram ou adaptaram ritos já existentes. A fogueira é um dos símbolos principais da festa e está presente em todo subcontinente sul americano. Com a existência da crise ambiental, o Estado tem tomado providências, a partir de meios legais, para inibir a proliferação de fogueiras durante o período junino por conta do desmatamento, incêndios e poluição do ar. No entanto, algumas comunidades têm resistido e desrespeitado os códigos ambientais que proíbem tal tradição. O objetivo deste trabalho é mostrar, a partir dos jornais impressos El Diario e El Deber, como o confronto entre Estado e Cultura Folk acontece nas principais cidades da Bolívia.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Meio Ambiente; Fogueira; Bolívia.

Podemos considerar que a relação sociedade-natureza foi inaugurada com a primeira modificação da paisagem natural. A própria inserção do *homo sapiens*, bem como de seus antecessores que ao vencerem grandes distâncias na aventura errante de procurar caça e alimento, realizaram modificações no cenário pré-histórico. A simples coleta de gravetos, a fogueira e a fumaça alterava o meio em que se vivia. Se a descoberta do fogo inaugurou o uso da primeira tecnologia que modificou a natureza, a agricultura veio em seguida sistematizar uma modificação paisagística e cultural. Apesar desses pequenos impactos na natureza, até então tidas como pequenas degradações ambientais, o reconhecimento enquanto crise ambiental tornou-se uma preocupação mundial apenas no final de década de 1960, após anos de dinâmica social. Não se trata de uma tribo compostas por caçadores e coletores, mas sim de grupos que passaram a constituir relações sociais complexas; não se trata apenas de uma população com características urbanas e/ou rurais, mas de cidadãos que se relacionam com o meio ambiente no ápice de sua maior crise da história e se manifestam através de sua cultura.

¹ Trabalho apresentado no NP Folkcomunicação no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom

² Jornalista e Professor do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista/BA



Os impactos causados pelo homem nessa primeira fase da sociedade se limitam a pequenas modificações, considerados insignificantes, pois a pressão antrópica é exercida por pequenos grupos e a relação produção e consumo, nesse caso é controlada. No século XX foi presenciado um enorme aumento populacional e fortes pressões negativas no meio ambiente. No século XXI a população mundial continua a crescer e tende a impactar negativamente o meio ambiente se medidas não forem tomadas. Alguns desses impactos são decorrentes de uma cultura massificada, algumas delas herdadas da migração de contingentes populacionais do campo para as cidades. Por exemplo, o hábito de acender fogueira no dia de São João faz parte de uma cultura campesina que ao se estabelecer no meio urbano, onde a concentração de pessoas é bem maior, pode gerar um desconforto pela fumaça e colocar em risco, além da saúde pública, o desmatamento do ambiente natural. Existe hoje uma preocupação muito grande em reduzir esses impactos, mesmo pondo em risco o desaparecimento de uma tradição. Porém, iremos relatar um pouco mais essa problemática nos próximos parágrafos.

As primeiras preocupações com o meio ambiente começaram na década de 1960 quando o Relatório Limites do Crescimento, realizado pelo Clube de Roma, passou a defender que o mundo deveria parar de crescer para proporcionar com qualidade o bem-estar dos habitantes do planeta.

Na década seguinte a ONU organizou a primeira Conferência Mundial sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, em Estocolmo, em 1972. A Conferência serviu para alertar sobre os impactos causados pelos países desenvolvidos, tendo como causa principal a poluição. A Conferência não conseguiu de imediato introduzir mudanças significativas, mas orientou para o debate sobre a crise ambiental em escala global nos anos seguintes.

Na década de 80, outro momento marcante da história ambiental, foi a elaboração do relatório "Nosso Futuro Comum", conhecido também como Relatório Brundtland. Concluído em 1987, o documento não repercutiu nos meios de comunicação de maneira satisfatória a mobilizar a sociedade para uma discussão local, mas serviu para alertar a sociedade e governos sobre a escassez de recursos naturais e a necessidade de repensar novos significados de desenvolvimento. O termo "Desenvolvimento Sustentável" foi cunhado a partir deste texto. Apesar do Relatório Brundtland não ter tido efeitos diretos nos meios de comunicação, seu impacto indireto



decorre de ter levado o desenvolvimento sustentável ao cenário internacional e à pauta de diversas reuniões cobertas pela mídia. A cobertura só foi sofisticada à medida que se evidenciava o fato de não haver soluções simples para problemas globais e locais de desenvolvimento (Starke, 1991).

Um maior interesse pelo tema começou a se verificar a partir da Conferência Mundial da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio 92 – reunião que conglomerou milhares de representantes de governos de todo o mundo para discutir os problemas ligados às questões ambientais globais, no Rio de Janeiro.

A Conferência Rio 92 aprovou acordos fundamentais para articular a implantação da idéia de desenvolvimento sustentável tais como: a Declaração do Rio de Janeiro sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento ou Carta da Terra; a Declaração de princípios para a administração sustentável das florestas; e a Agenda 21 Global. Após a Rio 92, muitos países começaram a levar a sério a crise ambiental e começaram a introduzir leis ambientais complementadas com políticas de educação ambiental.

Desde 1993, um ano depois da Rio 92, o governo da Bolívia vem tentando amenizar os impactos danosos ao meio ambiente. No rastro das principais mudanças atuais e de ampliação de uma legislação ambiental, presenciamos nos jornais impressos desse país uma divulgação ampliada das leis ambientais no mês de junho, período em que se realizam as festas juninas, no interior e nas principais cidades. O principal motivo dessas leis tem como causa a poluição causada pela fumaça das fogueiras e os acidentados com fogos de artifícios. A proibição do incêndio de fogueiras é o foco principal a ser fiscalizado, com certo rigor pelo governo em todos os seus níveis. Antes, porém, de enumerar algumas leis ambientais que vêm alterando as tradições locais é necessário tecer considerações pertinentes a essa manifestação presente na cultura boliviana.

Antes da chegada dos espanhóis, seguindo um a tradição Inca, o povo dessa região tinha como costume acender fogueiras no dia 24 de junho, conhecido como o dia mais frio do ano. Segundo a tradição Inca, era o dia em que “as alpacas choravam e as pedras se partiam”, sendo necessário aquecer a mãe terra, conhecida como Pachamana. Também, as fogueiras faziam parte das comemorações do Ano Novo Aymará ou Andino. Ao lado de uma enorme fogueira os índios aymarás pediam por uma boa colheita e lançavam oferendas sobre o fogo. Em seguida aguardavam pela chegada do deus Sol no amanhecer do dia 21 de junho. Em 2008 será o Ano Novo Andino 5516.



Portanto, temos duas datas cruciais que antecede a fogueira junina com o dia mais frio do ano, em 24 de junho e o dia 21 de junho, Ano Novo Inca.

Junto a essa tradição milenar, os espanhóis introduziram o culto aos santos católicos, contudo já era presente a fogueira. Outros elementos foram introduzidos e se aliaram a uma tradição um pouco mais recente. Em Porongo, distante 20 km de Santa Cruz de La Sierra, a tradição dos festejos juninos acontece desde sua fundação com a chegada das Missões Jesuítas em 1714. Nessa comunidade o sino da Igreja Matriz, anuncia a festa de São João com uma programação que ocorre a cada ano e atrai diversos turistas. No dia 24 de junho, ao meio dia, jovens adolescentes reafirmam a sua fé católica sendo batizados às margens do Rio Pirai, reconstituindo o batismo de Jesus Cristo; Fogueiras são acesas no início da noite e quando se aproxima a meia-noite, suas brasas servem de passarela para que seus moradores caminhem descalços por elas. No dia seguinte, sobem em um pau de sebo, com madeira recolhida, coletivamente, de uma mata local no início das festividades. Os festejos juninos de Porongo, mesmo tendo uma cultura preservada por seus moradores, vêm sofrendo constantes ameaças por parte das leis ambientais.

Atualmente, o fogo para os bolivianos que moram, tanto em perímetros urbanos ou rurais, seja em Porongo ou La Paz, tem um significado de purificação e é comum a estes, lançarem sobre a fogueira velhos objetos, e muitas vezes, lixo. O resultado dessa postura rende aos representantes públicos um problema a ser resolvido ou atenuado, com a imposição de políticas que os impeçam de continuarem a praticar tal ritual. A contaminação do ar, segundo organizações ambientais, vem atingindo índices elevados e preocupantes para a saúde pública, ficando ao pesquisador o seguinte problema: pode o Estado exercer o seu poder para modificar uma tradição? Pode a prática de uma cultura popular ser tão nociva a ponto de por em risco a qualidade de vida?

Independente da solução das questões apresentadas, analisaremos o tema do ponto de vista dos jornais impressos bolivianos.

O objetivo desse trabalho é identificar nos jornais de La Paz e Santa Cruz de La Sierra, a relação entre o poder institucional e a resistências das comunidades sobre a tradição da “fogata”, ou seja, a fogueira de São João. A metodologia utilizada será a Análise de Conteúdo nos jornais de maior circulação: El Diario (La Paz) e El Deber (Santa Cruz de La Sierra). O período pesquisado foi entre 22 a 25 de junho de 2007.

Será dada ênfase aos focos de resistências às leis ambientais, concentrados nas proximidades de La Paz, em El Alto e em Porogo, Santa Cruz de La Sierra. O primeiro,



com características urbanas por concentrar a maior parte dos movimentos sociais e o segundo, com características rurais, por ter uma cultura consolidada por seus moradores.

A fogueira e a Fokcomunicação

O Ciclo Junino está presente com mais força em quase todos os países de nossa América Latina por conta da introdução de nossos colonizadores. Porém, as raízes da festa têm origens pré-cristãs. Para Trigueiro (1999) a celebração dessas festas tem a sua origem na tradição pagã dos povos da Europa, Ásia e África, que festejavam as divindades protetoras da fertilidade e da colheita quando se aproximava a chegada do verão no Hemisfério Norte e que foram transportadas para o calendário católico.

Não é apenas uma coincidência a data hagiográfica dos festejos juninos. Os antigos rituais agrários, no Velho Mundo, por ocasião do solstício de verão (que ocorre entre os dias 22 e 23 de junho), marcavam o início da colheita dos cereais. A relação do homem com a terra era muito forte e os ritos de fertilidade do plantio também estavam associados à fertilidade humana. Plantar e colher era mais que um ato profano (Trigueiro, 1999).

Para Lucena Filho (2005) as festas juninas são festas agrárias: estão ligadas a terra e a sua fertilidade. Para o autor as festas são remanescentes de civilizações pré-cristãs, onde os ciclos naturais marcavam efetivamente a passagem do tempo, adaptaram-se ao longo dos séculos.

Um elemento desse ciclo repetido até hoje são as fogueiras, inicialmente ligados a cultos relacionados a fertilidade na terra e posteriormente, sincretizada pela Igreja Católica.

Na festa junina, a fogueira é um dos símbolos encontrado, tanto na zona rural e urbana (...), como na frente das casas, onde as pessoas em volta delas, assam milho, se aquecem e vivem momentos de sociabilidade (Lucena Filho, p. 100). O autor também coloca a função social e subjetiva da fogueira.



A crença de que pular fogueira ou dançar a sua volta facilita casamentos, é idéia correlata à da energia sexual. O fogo é, até hoje, símbolo dessa energia: fogo é paixão, o fogo do desejo. Nas fogueiras das festas juninas, o fogo, entre outros simbolismos, faz essa ligação dos pedintes de graças e favores aos santos reverenciados. Além de ser um elemento de reunião das comunidades e famílias, que se colocam a volta (Lucena Filho, 2005, p.101).

Barreto explica o uso da fogueira no ciclo junino, pelo viés religioso. Para ele um desses modos está contido nos relatos bíblicos, pois a fogueira teria sido uma forma de comunicação, entre Isabel e Maria, para anunciar o nascimento de João Batista. Na Idade Média as fogueiras serviam para espantar os dragões que quando estavam no ar provocavam a luxúria, jogando espermatozoides nos poços e nos rios, após o que ocorre, naquele ano, grande mortalidade. Outro simbolismo sobre a fogueira é que os ossos de São João Batista foram queimados. Em torno da fogueira, alega Barreto, como dos antigos fogos, as pessoas se tornam compadres e comadres (São João dormiu/São João acordou/Vamos ser compadre/Que São João Mandou), o que significa dizer que assumem o compromisso do testemunho, incentivado, no passado, pela própria Igreja, justo pela conotação devocional.

O Ciclo junino é um objeto de pesquisa da teoria da Folkcomunicação. O conceito fundador da teoria da Folkcomunicação tem origem com a tese de doutorado em Comunicação de Luiz Beltrão em 1967, na universidade de Brasília. Para Beltrão a “Folkcomunicação é a ciência que estuda o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes de massa através dos agentes e meios ligados direta e indiretamente ao folclore” (Beltrão, 2001).

Influenciado pelas teorias vigentes da Comunicação de Massa provenientes da América do Norte, logo a sua investigação abaixo da Linha do Equador demonstrou de forma pioneira a função do receptor no processo de comunicação, o papel amplo e não limitado dos líderes de opinião e a valorização de espaços ocupados por comunidades marginalizadas, entre outros. Inúmeras são as contribuições de Beltrão.

Para Melo a Folkcomunicação configura-se, hoje, como um segmento inovador de pesquisa latino-americana no âmbito das ciências da comunicação. O seu objeto de pesquisa, como nova disciplina, situa-se entre o campo do Folclore - resgate e interpretação da cultura popular - e a Comunicação de Massa - difusão industrial de símbolos através de meios mecânicos ou eletrônicos destinados a audiências amplas,



anônimas e heterogêneas (2005, p.5). Ainda no entendimento de Melo ele alerta sobre a distinção necessária entre Folclore e Folkcomunicação.

“Se o Folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos capazes de difusão simbólica de expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural”. (idem, 2005, p.6)

Para Barreto (1994) discurso folclórico, em toda a sua complexidade, não abrange apenas as palavras, mas também meios comportamentais e expressões não-verbais e até mitos e ritos que, vindos de um passado longínquo, assumem significados novos e atuais, graças à dinâmica da folkcomunicação (p.43).

Outros pesquisadores preocupados com a ampliação e melhoria da compreensão folkcomunicação contribuem de forma significativa como, por exemplo, Benjamin (2000) que amplia a abrangência dos estudos não apenas contemplando as mensagens veiculadas pela Indústria Cultural. Nessa nova abrangência 6 fluxos de comunicação são apresentados: 1. A comunicação (interpessoal e grupal) ocorrente na cultura folk; 2. A mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massa; 3. A apropriação de tecnologias da comunicação de massa e o uso dos canais massivos por portadores da cultura folk; 4. A presença de traços da cultura de massa absorvidos pela cultura folk; 5. A apropriação de elementos da cultura folk pela cultura de massa e pela cultura erudita (projeção do folclore); 6. A recepção na cultura folk de elementos de sua própria cultura reprocessados pela cultura de massa (Benjamin, 2000, p.15-16).

Seguindo a orientação de Benjamin o que mais se assemelha na pesquisa aqui apresentada é o segundo fluxo de comunicação (A mediação dos canais folk para a recepção da comunicação de massa), pois os jornais analisados contribuem para que a mediação dos canais folk, apresentados pelos agentes populares que nesse caso formam resistência direta às leis promovidas pelo poder público, são apresentados para a recepção da comunicação de massa.

Legislação boliviana ambiental



Cabe agora apresentar um itinerário jurídico que versa sobre a legitimidade das autoridades em proibir a queima de fogueiras na Bolívia. A validade das ações governamentais está presente em âmbito nacional e são orientadas para ter legitimidade nos demais municípios. Cabe a esses lugares, também, formularem as suas próprias leis em consonância com as leis superiores.

O governo do Estado de La Paz, através da Resolução 1.798 proíbe realizar qualquer tipo de fogueira, queima de materiais plásticos, de outra natureza e fogos de artifício em todos os municípios da região durante os festejos juninos.

Em Santa Cruz de La Sierra o Decreto Municipal 048/01 proíbe fogueiras por considerar que estas são fontes de emissão de substâncias que causam danos à saúde e ao meio ambiente. O Decreto também normatiza multas que vão desde B\$ 500 pesos bolivianos (R\$ 168,00 reais) até R\$ 1.500 pesos bolivianos (R\$ 504,00 reais)

As leis municipais são inspiradas na legislação nacional e a própria disposição administrativa emitida é difundida entre as prefeituras para coordenar ações, como estabelece o artigo 11 da Lei 133 do Meio Ambiente que orienta os governos municipais para executar ações de prevenção e controle da contaminação do ar em harmonia com a política e normas nacionais. Também o artigo 40 assinala ser dever do Estado e da sociedade manter o ar em condições que permita a vida e o bem-estar de todos.

Até a Constituição Federal prevê em seu artigo 7º uma interpretação voltada para a proteção do meio ambiente. A Carta Magna consagra como um direito fundamental a vida e a saúde de todas as pessoas, por isso, a argumentação de que acender fogueiras vai contra a Constituição vigente.

A legislação mais recente é do vice ministério de Biodiversidade e Recursos Florestais e Meio Ambiente que emitiu resolução administrativa Nº 07, de 13 de junho de 2007 proibindo a queima de fogueiras, no sentido de preservar o meio ambiente e a saúde dos bolivianos.

No entanto, o que está presente nas páginas dos jornais pesquisados é que as leis não são seguidas à risca e que a tradição popular, em algumas regiões do país, é mantida apesar do risco de multa.

Metodologia

Observando o que ditam as normas e o que é divulgado pelo jornalismo, foi necessário buscar uma metodologia que apresentasse um recorte rico sobre o tema. A

partir do método da Análise de Conteúdo foi possível realizar um mapeamento sobre como os jornais El Diáριο e El Deber, divulgaram a tradicional festa junina em La Paz e Santa Cruz de La Sierra.

Na Análise de Conteúdo, Bardin (1977) recomenda que sejam estabelecidos alguns critérios. A primeira técnica a ser adotada é a Leitura Flutuante. A atividade consiste em estabelecer contato inicial com o documento a ser analisado e em “conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (Bardin, p.96).

Após a Leitura Flutuante o universo da pesquisa já pode ser demarcado sendo necessário, muitas vezes, proceder-se a constituição de um corpus. “O corpus é o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos. E sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras” (idem, p. 97).

O Recorte de Texto se constitui na delimitação das categorias ou unidades temáticas. A partir desse recorte com a fixação de categorias ou unidades, foi montada a Grade Temática, cujos resultados permitem um estudo Qualitativo e Quantitativo.

O primeiro jornal analisado é sediado em La Paz, o El Diáριο (Tabela 1) apresentou um número maior de textos sobre o tema com predominância da reportagem em relação a notícia.

TABELA 1
Jornal El Diáριο – La Paz

Data	Título	Gênero
23.06.07	Gobierno prohíbe encendido de fogatas para preservar la salud	Reportagem
23.06.07	En Oruro está prohibido encendido de fogatas	Notícia
23.06.07	Prefectura y Alcaldía realizarán esta noche operativos de control	Notícia
23.06.07	Prefectura identificó regiones que provocan chaqueo indiscriminado	Reportagem
24.06.07	Noche de San Juan contaminó nuevamente el medio ambiente	Reportagem
25.06.05	Municipio promoverá prohibición para la venta de fuegos artificiales	Notícia
25.06.07	Juegos pirotécnicos contaminaron el medio ambiente en La Paz	Reportagem

No dia 23 de junho foram publicados 4 textos. O primeiro deles alertou para a poluição e o risco de malefícios causados sobre a saúde dos bolivianos. Também,



apoiou diretamente a iniciativa do governo expressando que as fogueiras repercutem negativamente na qualidade de vida e do meio ambiente em outras regiões do país. Explicita melhor as leis e coloca que estas estão em consonância com as leis nacionais. Em outro texto saiu do contexto de La Paz e mostrou a situação na cidade de Ururo, localizada ao sul e distantes cerca de 200 km. O texto traz um apelo ambiental maior expondo os problemas de nuvens de fumaça, riscos de incêndios, desmatamento e desertificação. Na saúde pública alertou para os males da bronquite, congestão pulmonar, tonturas, asma e dor de cabeça. O terceiro texto do dia 23 de junho falou sobre os preparativos para a operação em La Paz e em outras regiões. O redator foi sensível ao tratar a queima de fogueiras como uma tradição dos povos andinos. Porém, para o redator, são atos de gerações passadas que devem ser reorientadas através de campanhas educativas. O último texto do dia 23 anunciou que a prefeitura enviou comissões à áreas rurais, consideradas como “regiões de conflito” para sensibilizar a população sobre os riscos ambientais. As penalidades para a queima de fogueiras em áreas verdes são bem maiores que na zona urbana.

O texto do dia 24 de junho em seu primeiro parágrafo anunciou que a tradição foi mantida na zona urbana de La Paz mesmo com risco de contaminação do ar. Além de aludir sobre a legislação o texto é encerrado prevalecendo a resistência da cultura popular: *“En fin, las tradiciones de la noche de San Juan pudieron más que las restricciones impuestas en el artículo 11 la Ley del Medio Ambiente, sobre la prohibición del encendido de fogatas, así como las campañas de concienciación y advertencias...”* (El Diario, 24 de junho de 2007).

No dia seguinte, 24, o texto jornalístico divulgou que as autoridades deveriam incluir como crime ambiental a soltura de fogos de artifício por estes serem muito mais danosos que as fogueiras. Na seqüência trouxe dados sobre a operação realizada. O último texto do jornal El Diáριο corroborou com o texto anterior e comparou as cidades de La Paz e El Alto. Na primeira cidade, as ações começam e surtir efeitos, enquanto que na segunda, não houve êxito. A constatação para a afronta das leis em El Alto é a grande concentração de pessoas advindas de áreas rurais.

O jornal El Deber (Tabela 2) tem sede em Santa Cruz de La Sierra, cidade que mantém diferenças culturais, históricas e geográficas com outras cidades do Altiplano. A região, por ser mais fértil para agricultura, conserva tradições bem mais arraigadas às origens das festas juninas por conta da celebração da fatura. Os textos produzidos a respeito manteve equilíbrio entre os gêneros Reportagem e notícia.

TABELA 2
Jornal El Deber – Santa Cruz de La Sierra

Data	Título	Gênero
23.06.07	Porongueños esperan a más de 20 mil visitantes	Reportagem
24.06.07	El control no apagó la tradición de las fogatas	Notícia
24.06.07	Porongo, con varias fogatas de yapa	Reportagem
25.06.07	Devoción a San Juan se matizó con tradición	Notícia

As notícias foram concentradas, prioritariamente, nas áreas rurais, com a devida atenção para a localidade de Porongo. A reportagem do dia 23 de junho mostrou a expectativa do povoado em relação a seu padroeiro São João Batista. O texto trouxe depoimentos de moradores antigos que ajudaram a manter viva a tradição da festa. Como é o caso da senhora Brivia Rivas que não quer que o progresso acabe com “*nuestras tradiciones*”. Nos parágrafos seguintes é mencionado o potencial turístico da localidade e aumento na renda dos moradores proporcionada durante o período. Em apenas um parágrafo, de forma pormenorizada é mencionada a lei que proíbe a queima de fogueira. O texto termina com a programação resumida dos festejos em Porongo.

No dia 24, conforme anunciou o título da notícia, “o controle não apagou a tradição das fogueiras”, chamou a atenção, pois nem mesmo o efetivo de 1.000 combatentes do fogo conseguiu intimidar o incêndio das fogueiras. Foi noticiado, apenas, o controle em alguns bairros de Santa Cruz da La Sierra. O outro texto exaltou o São João em Porongo e a chamada da notícia foi desafiadora:

Ardió San Juan. Porongo tuvo la tradicional caminata sobre las brasas. Hasta la medianoche, los visitantes seguían llegando. Hubo varias fogatas, lanzamiento de globos, música, baile y sucumbé. Empezó la novena de San Juan Bautista, el santo patrono. Hoy habrá misa y la elección de la reina de la Fruta. En la ciudad, la tradición se celebró con fuerza (El deber, 24 de junho de 2007, p.1)

Nesse caso, o jornal não enquadrou a legislação vigente e anunciou a festa com o “ardeu o São João” e suas tradições como andar sobre brasas. “Na cidade, a tradição se



celebrou com força”. Um tópico foi levantado no final do texto para destacar que pode ser incentivado um turismo em Porongo “sem alterar o encanto bucólico”.

Na notícia do dia 25 de junho revelou que além da tradição junina, houve também diversão em Porongo destacando a brincadeira do pato enterrado e do *palo ensebao* (pau de sebo), comidas típicas e muita dança. O texto termina com a mensagem do Cardel Julio Terrazas que falou aos devotos joaninos que não bastava apenas acender fogueiras e fazer festas, era preciso entender a mensagem e guardar nas mentes e nos corações.

A análise das notícias e reportagens possibilitou conferir como os jornais absorveram elementos da cultura folk e lançaram para um público receptor mediatizado, conforme nos apresenta Benjamin. Nessa relação foi visível o tratamento dado por cada jornal à tradição junina.

Notamos diferentes agendamentos em cada jornal. No El Diálogo, o problema ambiental foi mostrado em outras localidades. Seguiu com um discurso institucional, mas teve uma preocupação muito mais madura com a temática ambiental. Foi possível identificar no seu conteúdo que a prática deve ser repensada. Embora tenha mantido um direcionamento ao cumprimento das regras, no final sentenciou que a tradição foi mais forte. Nesse caso valorizou a resistência.

No jornal El Deber, de Santa Cruz de La Sierra, por esta distar quilômetros das capitais federais da Bolívia, o enfoque jornalístico foi com relação às festas populares, com destaque para Porongo e não para o institucional. Isso pode explicar que a distância do centro de poder pode fazer com que a cultura tradicional até ignore as normas estabelecidas em relação aos costumes locais.

O problema do meio ambiente continua sendo o mesmo: não considerar a cultura de cada lugar. Educar antes de punir deveria ser a missão de cada órgão ambiental. É necessário criar alternativas que valorize as tradições sem agredir o meio ambiente. Para isso, o papel da comunicação é indispensável como meio educador não-formal. Este não deve se comportar como um correspondente de guerra que assimila um discurso e fica a esperar notícias do front. É necessário atenção ao meio ambiente, antes, porém, inibir é muito mais perigoso que tentar projetar um festejo ambientalmente viável.

Nessa guerra, podemos dizer assim, em que o confronto entre tradição e a legalidade estão no embate, vence as iniciativas orgânicas e não as técnicas. Enquanto os códigos da comunicação dos marginalizados forem reproduzidos e repassado a



gerações vindouras, a tendência é que os festejos juninos continuem fortes por muito tempo.

Em relação a região de La Paz e Al Alto, talvez a massificação da tradição deve ter conduzido os festejos para a sua finalização; as resistências presentes devem-se a influência rural ainda presente e a grupos opositoristas que procuram na acendimento de fogueira, tomar uma posição política e de desobediência civil. No entanto não é seguro afirmar que esta afirmação seja verdadeira, por La Paz e região se tratar de uma metrópole com públicos heterogêneos.

No entanto, o que observa, baseando-se pela Teoria da Folkcomunicação é de que onde existe uma cultura marginal enraizada, como é o caso de Porongo, a tendência é que os meios de comunicação reproduzam exatamente a cultura local. Independente das atribuições do Estado e de seu papel político frente ao meio ambiente, a aceitação de qualquer modificação torna-se uma tarefa árdua no sentido de convencimento do público sobre os malefícios que a fogueira representa ao meio ambiente. Por outro lado, na região do Altiplano boliviano, a relação com as tradições juninas perpassam por uma ação política entre os que pretendem efetivar a proibição e o grupo da resistência presente no entorno da metrópole Pacenã (de La Paz).

A partir das observações presentes nos jornais analisados é possível apresentar conclusões, ainda parciais, sobre o confronto da tradição versus modernidade. Na metrópole, onde a influência da Igreja Católica não é de centralidade, a ato simbólico religioso não recebe tanta influencia como nas cidades menores, cuja presença da Igreja é mais marcante. Porém, em nome da modernidade, torna-se mais fácil introduzir um discurso ambientalista. O meios de comunicação, no caso os jornais impressos, irão refletir o discurso dominante em relação a cultura popular. No caso do jornal de Santa Cruz de La Sierra, chega-se a ignorar as normas impostas pela administração local e nacional, em detrimento da cultura local. Também é importante considerar as diferenças culturais do país. Portanto, os meios de comunicação servem de termômetro para medir as tensões existentes entre os costumes e as proibições.

REFERÊNCIAS



BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Edições 70, 1977.

BELTRÃO Luiz. **Folkcomunicação. Um estilo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias**. POA/RS: Edipucrs, 2001.

BENJAMIN, Roberto. **Folkcomunicação: no contexto de massa**. Ed. CCHLA, UFPB, João Pessoa/PB, 2000.

BARRETO, Luiz Antonio. **O folclore como discurso**. In: BARRETO, Luiz Antonio (Org). Encontro Cultural de Laranjeiras, 20 anos, Sergipe. Aracaju/SE, Fundação Estadual da Cultura, 1994.

_____. **Tradições Juninas**. In: http://www.infonet.com.br/luisantoniobarreto/ler.asp?id=48131&titulo=Luis_Antonio_Barreto, acesso em 28 de maio de 2008

CASTELO BRANCO, Samantha. **Metodologia folkcomunicação: teoria e prática**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

LUCENA FILHO, Severino Alves de. **A festa junina em Campina Grande : Paraíba – Evento gerador de discursos organizacionais no contexto do Folkmarketing**. Tese de doutorado orientado pelo Dr. Antonio Hohltfeldt, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC/RS, Porto Alegre, 2005.

MELO, José Marques de. **Taxionomia da Folkcomunicação: gêneros, formatos e tipos**. Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM/UERJ. Rio de Janeiro, 6-9 setembro de 2005.

STARKE, Linda. **Sinais de esperança : lutando por nosso futuro comum**. Rio de Janeiro, Ed.FGV, 1991.

TRIGUEIRO, Oswaldo. **O São João de Campina Grande/PB Na mídia: um estudo de folkcomunicação**. In: <http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/8gt/SJoaoCGrande.doc>.

Sites:

www.eldeber.com.br



www.eldiario.net

www.la-razom.com